



MILITÂNCIA ANTIESPECISTA

Libertação para todos os animais.

Veganismo, antiespecismo e luta de classes: movimentos inseparáveis



Existe uma operação ideológica em curso no Brasil há décadas: convencer a população de que o agronegócio representa progresso, que **carne é sinônimo de saúde, força e prosperidade**, e que questionar o sistema alimentar dominante seria um ataque ao “desenvolvimento nacional”.

Além da publicidade, a campanha “**Agro é pop, agro é tech, agro é tudo**” foi sobretudo um projeto político construído para proteger os interesses da elite agrária

brasileira; a mesma elite que historicamente concentrou terra, destruiu biomas, explorou trabalhadores, acumulou poder sobre o Estado e transformou vidas animais em mercadorias.

No Brasil, a classe dominante tem cheiro de esterco e sangue.

O grande setor econômico do **agronegócio** é uma **força política organizada** que controla parte do Congresso, financia campanhas eleitorais, influencia a mídia e molda o imaginário popular sobre

alimentação, desenvolvimento e natureza. Para sustentar esse sistema, é necessário *fabricar consenso*. A **propaganda da carne** vende muito mais que “alimento”; seus principais produtos são a masculinidade, a virilidade, a tradição e a identidade nacional. Apesar do amplo reconhecimento científico de que dietas vegetais podem suprir adequadamente as necessidades nutricionais humanas, desde cedo aprendemos que proteína animal seria indispensável para saúde e força.

Sob o disfarce de espontaneidade cultural, o que vemos é resultado de lobby econômico e alienação política através da propaganda.

A ciência também demonstra que o sistema alimentar baseado na exploração animal é ambientalmente insustentável. **A maior parte das terras agrícolas (80%) existe para sustentar a pecuária**, seja através de pastagens ou da produção de ração animal. No Brasil, a pecuária é a principal fonte de emissões de gases de efeito estufa (mais que 60%). A produção de carne devasta ecossistemas inteiros,

Você sabia?

No Brasil, **trabalhadores de frigoríficos** sofrem **4 vezes mais acidentes e 10 vezes mais doenças** ocupacionais do que a média de outras categorias profissionais. O ritmo exaustivo, os movimentos repetitivos e o ambiente insalubre fazem com que muitos trabalhadores desenvolvam **lesões**

permanentes, além de apresentar um aumento em estresse traumático, **transtornos mentais**, e **violência** interpessoal (fonte: [Brasil de Fato 25.07.24](#), Slade & Alleyne, 2021).

Pesquisadores estimam que a perda de calorias destinada para virar ração para animais vítimas da indústria brutal seria suficiente para alimentar **350 milhões de pessoas** (Shepon et al, 2018).



MILITÂNCIA ANTIESPECISTA

Libertação para todos os animais.

expulsa comunidades tradicionais e populações originárias, ameaça pequenos produtores e **depende do confinamento e assassinato de bilhões de animais.**

Discutir veganismo, portanto, parte da ética animal para questionar a **sobrevivência** material.

Assim como não existe justiça social sem justiça climática, **não existe justiça climática sem transformação radical dos sistemas alimentares.** A emergência ambiental já reorganiza a vida da classe trabalhadora atualmente: secas, enchentes, insegurança alimentar, inflação dos alimentos e colapso hídrico atingem primeiro os mais pobres. Enquanto isso, setores mais ricos continuam lucrando com um modelo agroexportador destrutivo baseado na exploração simultânea de humanos, animais e natureza.

Por simples lógica, percebemos que a produção de alimentos de origem animal é profundamente classista. É ela quem encarece os produtos, concentrando recursos por manobras fiscais e transformando comida em commodity de exportação. Por outro lado, uma transição para sistemas alimentares vegetais permitiria reduzir custos de produção, democratizar o acesso e fortalecer redes agroecológicas, de agricultura urbana e cooperativas.

Fato é que parte da esquerda segue tratando o veganismo como pauta “pequeno-burguesa”, ignorando, assim como faz a elite do

agronegócio (ainda que por motivos distintos), o impacto dos sistemas alimentares sobre a classe trabalhadora. Mas o capitalismo contemporâneo opera através de uma **rede integrada de exploração**: trabalho precarizado, devastação ambiental, colonialismo territorial e mercantilização da vida animal. Ignorar esse aspecto é abandonar a própria análise materialista. Afinal, a comida é uma questão material. O clima é uma questão material. O colapso ambiental é uma questão material. Em outras palavras:

A desconexão entre luta animal e luta popular interessa apenas às elites do agronegócio.

Pensamos ainda que a exploração capitalista dos corpos animais talvez seja a forma mais extrema de alienação já produzida, com vidas inteiras reduzidas à condição de mercadoria. Em termos quantitativos, a indústria da carne, ovos e leite sistematiza exploração em escala inédita: mais de **70 bilhões de animais confinados, mutilados e assassinados por ano** para sustentar um modelo ecologicamente colapsante e economicamente concentrador. Por isso, **o antiespecismo é profundamente revolucionário**, já que confronta o sistema de poder que gera direitos sobre corpos alheios, especialmente sobre os mais vulneráveis.

Não denunciemos o especismo como “preconceito cultural”, e sim como essa relação material de exploração. Animais são tratados como propriedade privada,

Máquinas biológicas de conversão de insumos em lucro, submetidos à reprodução forçada, confinamento e descarte. A própria ‘desumanização’ de grupos oprimidos sempre dependeu da **animalização**. Não à toa, **grupos sociais minorizados** e populações colonizadas foram historicamente descritos como “bestiais”, “irracionais”. **A animalidade é usada como ferramenta de opressão** porque os animais já foram previamente colocados como vidas inferiores e descartáveis.

O especismo estrutura simbólica e materialmente outras opressões. A transformação de animais em propriedade e recurso explorável ajudou a **naturalizar hierarquias e formas de violência** que depois atravessaram o colonialismo, o patriarcado, o racismo e a exploração de classe. O **antiespecismo**, portanto, **anda lado a lado com a luta de classes**, pois combate uma de suas bases históricas mais antigas: a naturalização da dominação sobre corpos considerados inferiores.

Assim, lutar pelos animais hoje é lutar contra a elite do agronegócio, contra o colapso climático e contra uma economia organizada em torno da destruição da vida. E talvez essa seja uma das tarefas mais urgentes do nosso tempo: **construir uma sociedade que não dependa da opressão sistemática das massas vulneráveis para existir.**

O agro não é pop. O agro é podre.

Organize - se

- Junte-se ao nosso coletivo e venha participar das ações!
- Apoie santuários e protetoras.
- Elimine o consumo de produtos de origem animal.
- Leve este boletim para outra pessoa.

A libertação animal não acontecerá sozinha.

A mudança começa com consciência e ação coletiva.



Visite o nosso site



@militancia.antiespecista

militanciaantiespecista@gmail.com